

## METAPOESIA: PARA UMA POÉTICA DA POESIA. SEGUNDA PARTE: A POESIA<sup>(1)</sup>

ENOQUE BALBINO LIMA<sup>(2)</sup>

Doação à Biblioteca da PUC, deixada  
pela professora do Departamento de  
Educação, Dra. Vani Ruiz Viessi. 1987

### RESUMO

Segunda parte da tese de Doutorado — METAPOESIA. Na Parte I deste trabalho (Semina 3:10), discutiu-se o conceito de Poeta e suas relações com o universo na criação poética. Nesta parte, aborda-se o conceito de Poesia na Crítica e na própria poesia, bem como os estados natural e poemático, e fontes da Poesia no discurso poética empregado com função metalingüística, em que o poeta descreve o fenômeno poético integral. Discute-se também as fontes da Poesia: O universo físico, psíquico e metafísico e conclui-se que a Poesia não é a recriação do universo, mas o reflexo do cosmo, tricotomicamente considerado, através do “espelho” do poema. A criação poética consiste na captação de uma partícula infinitesimal de toda a poesia cósmica em estado potencial, e conferir-lhe forma comunicante através o discurso verbal.

### 1 — INTRODUÇÃO

Desde a mais remota antiguidade, pensadores, filósofos e estetas se têm preocupado com a natureza da poesia e buscado, em suas reflexões, encontrar a solução para o problema — uma definição, um conceito satisfatório de poesia. E embora o termo poesia tenha o seu étimo no grego, cuja história literária remota a cerca de 1.000 anos antes de Cristo, a poesia é tão antiga quanto o próprio homem que não é apenas um ser racional (*homo sapiens*), mas também sensível ao Belo (*homo aestheticus*), embora não consiga entender satisfatoriamente a sua natureza. O Belo não é objeto da razão pura mas da sensação e da emoção. O *homo aestheticus* sente o Belo e sabe que o Belo é belo. O *homo sapiens* indaga da natureza, do que e do porque do Belo; procura definir, compreender o Belo. A Poesia é modo de ser do Belo e, como tal, pode ser considerada em si e por si, no plano ontológico, como ser de razão e/ou como discurso poético. No segundo caso, ou seja, no plano do discurso poético, da expressão verbal estética, pode com razão ser considerada a rainha das artes, a arte piloto, assim como a Linguística, a rainha das ciências, uma ciência piloto. É o pensamen-

to de ROLAND BARTHES, quando, contestando o pensamento saussuriano<sup>(42)</sup> a respeito da Semiologia, diz: “Enfim, de um modo muito mais geral, parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou objetos, cujos significados possam existir fora da linguagem: perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem”<sup>(12)</sup>.

Segundo a lenda, a Poesia teria tido origem na expressão lingüística proferida por Valmiki, autor do poema épico hindu Ramayama, quando o poeta, movido de simpatia e profundo sentimento, ao ouvir os gritos de protesto de um airão, cuja companheira havia sido abatida por um caçador, teria proferido palavras sentimentais de revolta. Brahma ouviu suas palavras a que a emoção imprimira ritmos e melodia e revelou a Valmiki que as palavras lhe tinham vindo para que com elas contasse a história de Rama, herói do poema hindu<sup>(16)</sup>. E conclui HERNANI CIDADE, ao referir-se à lenda: “Podemos assim, afirmar que no princípio era a emoção simples, e a emoção fez-se expressão rítmica que se repetia para a reavivar”<sup>(17)</sup>.

Dessa lenda decorrem dois corolários: primeiro, a poesia é do plano da emoção, segundo, o veículo expressivo dessa emoção é a palavra. Com efeito, é a expressão verbal o meio mais adequado para comunicar essa emoção que se sabe que é, mas não o que é e porque é. Parafraseando as palavras de Hernani Cidade, podemos dizer que a emoção se fez poesia (comunicativa, poesia-discurso) e a comunicação verbal da emoção se fez poema. Podemos ainda deduzir da lenda um terceiro corolário: a poesia teve sua origem remota na religião e sua matéria prima é a emoção. Pelo menos esse parece ser o entendimento de HERNANI CIDADE<sup>(3)</sup>.

O pensamento do crítico alemão JOHANNES PFEIFFER concorda plenamente com a lenda hindu. Diz ele: “a poesia é a arte que se manifesta pelos sons e a pintura pelas cores e linhas”<sup>(37)</sup>. Do mesmo teor é o pensamento de MASSAUD MOISÉS: “a poesia seria a comunicação, a expressão do eu. Como a palavra é o signo literário por excelência, teríamos que a poesia é a expressão do eu pela palavra”<sup>(28)</sup>.

E mais adiante, continua o mesmo autor. “A poesia é a expressão do eu pela palavra metafórica...” “A palavra metáfora lembra o que ficou dentro

(1) II parte da tese de Doutorado — METAPOESIA, defendida na PUC de Porto Alegre, em 1975.

(2) Doutor em Letras e Livre-Docente em Teoria Literária — CCH/UDEL.

(3) “Pode dizer-se, assim, que a poesia é o verbo comovido que se faz música, a qual se repete para renovar o encanto, ou continuar a liberação da perturbação interior”.

do poeta e lembra-o com todos os seus pesos e camadas de significação”(29).

A palavra poesia tem sua etimologia no grego, poiein, “criar”, imaginar, criar com a matéria prima da emoção, de acordo com as vivência individuais do poeta, criar ou recriar uma realidade irreal por fora e real por dentro, não transcósmica, mas paracósmica(1). O poeta cria um mundo possível mas não real, uma possibilidade que pode nunca ter sido ou vir a ser realidade. “A poesia entendida indiferentemente como forma ou conteúdo, é tão real quanto as pessoas e os objetos que nos cerca, e tão irreal quanto os sonhos e os planos de viagem que nunca se realizaram”(30).

Aristóteles, na sua Poética, define poesia como mímese, imitação de ação(2) e atribui a origem da poesia ao fato de ser o homem, imitador por natureza e admirar mais a imitação do que a realidade(3). E partindo dessa premissa, classifica a poesia de acordo com os critérios de meios, objetos e modos de imitação.

Mais adiante, o estagirita procura estabelecer o divisor de águas entre poesia e prosa (história)(4), o que nos parece importante porque nos coloca diante de um problema secular — a distinção entre poesia e prosa que tanto tem preocupado os filósofos do belo poético. O autor expõe dois aspectos distintivos entre poesia e prosa na dependência da cosmovisão do prosador (historiador) e/ou do poeta. A poesia narra as coisas que poderão acontecer(5); a prova (história), as coisas que já aconteceram; a poesia é universal; a prosa é particular,(7) por isto, conclui Aristóteles que a Poesia está intimamente ligada ou relacionada com a Filosofia.

Resumo do conceito de poesia do ponto de vista da filosofia e da crítica.

Vimos, a título de introdução, até aqui, o que pensam alguns filósofos e críticos a respeito da natureza da poesia:

— Imitação da natureza. (Aristóteles) Se relacionarmos o pensamento de Aristóteles com a filosofia de Hegel, em sua Estética, poderemos acrescentar que a Poesia é o belo artístico que o poeta extrai do Belo natural e corporifica no poema, ficando o belo artístico limitado às dimensões expressivas do poema. Em outras palavras, o poeta só consegue captar, imitar, do Belo natural a beleza que cabe nas limitações de seu invólucro, o poema.

— “Poesia é o verbo comovido que se faz música, o qual se repete para renovar o encanto, ou continuar a libertação da perturbação interior”. (Hernâni Cidade).

— “A poesia não é a libertação de emoções, mas um fuga das emoções; não é a expressão da personalidade, mas uma fuga da personalidade”. (T.S. Eliot)

— “A poesia é o registro dos melhores e mais felizes momentos dos mais afortunados e melhores espíritos”. (David Daiches)

— “A poesia articula sua emoção à idéia; a idéia é o fato”. (Arnold, citação de Richards)

— “A poesia é a expressão da imaginação”. (Shelley)

— “A poesia é a arte que se manifesta pela palavra”. (Johannes Pfeiffer)

— “A poesia é a expressão natural dos mais violentos modos de emoção pessoal”. (J. Middleton Murry)

— “A poesia é a expressão do eu pela palavra metafórica”. (Massaud Moisés)

— “A poesia é a quintessência da imaginação e da emoção corporificada no discurso verbal, o poema”. (Enoque Balbino Lima).

— “Poesia é algo que fica além da realidade sensível”. (Autor desconhecido)

— “Poesia é loucura” (Aristóteles)

— “Poesia é uma pintura que fala”. (Plutarco)

## 2 – CONCEITO DE POESIA NA PRÓPRIA POESIA

Depois de um resumo do conceito de poesia na Filosofia e na Crítica, vejamos o que a poesia diz de si mesma, isto é, a **metapoesia** de alguns poetas de língua portuguesa. Começemos com Manuel Bandeira:

— Abaixo os puristas...

Todas as palavras sobretudo os  
[barbarismos universais

Todas as construções sobretudo  
[do as sintaxes de exceção

Todos os ritmos sobretudo os  
[inumeráveis . . . . .

.....  
— Não quero saber do lirismo que  
[não é libertação(9)

A poesia é, acima de tudo, libertação plena do espírito criador, não pode estar presa a preconceitos de escolas, estéticos, filosóficos ou morais. A poesia é amoral, na sua essência. Não devemos, contudo, confundir liberdade com aquilo que se chama, na gíria, “apelação”, é o que ocorre, frequentemente, na música, no teatro, na poesia. A falta de talento artístico aliada à necessidade de comunicar e informar por parte dos “artistas”, levamos, muitas vezes, a buscar pornografia, algo novo excitante para seu público leitor ou espectador, ávido de novas sensações. A libertação a que Bandeira se refere é o desprendimento de tudo que possa tolher os vôos da imaginação criadora do artista da palavra em busca do universo lírico da expressão verbal,

(1) Cabe lembrar, aqui, as conotações do termo “cosmo” entre os gregos antigos, significando adorno, harmonia, beleza, perfeição que, apesar de sua evolução semântica, ainda se conserva no adjetivo cosmético.

(2) “Falemos da poesia, dela mesma e das suas espécies da afetividade de cada uma delas, da composição que se deve dar aos mitos, se quisermos que o poema resulte perfeito e ainda, de quantos e quais os elementos de cada espécie, semelhantemente, de tudo quanto pertence a esta indagação”.(5)

(3) “Ao que parece, duas causas, e ambas naturais, geraram a poesia. O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções) e os homens se comprazem do imitado”.(6)

(4) Aristóteles, pelas suas alusões à narração, comparando Homero a Heródoto, parece atribuir uma certa superioridade à História em relação a outras formas de prosa já existentes em sua época, e à poesia épica.

(5) “Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que era em prosa), diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isto a poesia é algo mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquele principalmente o universal e esta o particular”.(7)

da poesia que inunda o universo e o homem, e que não poderá ser atingido totalmente se o poeta estiver preso a preconceitos de escola, a normas rígidas na lexicologia, na sintaxe, na semântica, etc.

A poesia é a expressão mítica da vida. A "lama" da vida na sua vicissitude cotidiana salpica o "paletó" da sensibilidade criadora do poeta, criador de um universo feito à imagem e semelhança de seu psiquismo, mediante um discurso sui generis que descobre a poesia, lirismo, no sofrimento, na dor, na lágrima, na morte e insufla vida aos elementos inanimados, no mundo concreto ou abstrato.

As coisas mais corriqueiras e banais, contêm poesia. Poesia é a essência do belo, harmonia cósmica que é captada pelo mundo psíquico do poeta. Pode ser, paradoxalmente, encontrada na vida e/ou na morte. Na dor e/ou na alegria, na guerra e/ou na paz, na angústia, na perfídia, no sacrifício de um herói ou na vitória de um tirano. A "nódoa suja de lama" do paletó branco de Belo ideal e puro. É a poesia participação, engajada na problemática da vida, em sua dura e crua realidade do dia-a-dia. Ninguém melhor do que Manuel Bandeira conseguiu conceituar essa poesia, no seu poema — "Nova Poética" que vale a pena ser citado e que o será mais de uma vez, no decorrer deste trabalho:

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.  
[dido.]

Poeta sórdido:  
Aquele em cuja poesia há a marca  
[suja da vida.]

.....  
O poema deve ser como a nódoa  
[no brim. ....]

Sei que a poesia é também orvalho. .... (10)

Cassiano Ricardo, numa metáfora muito feliz, compara a poesia a uma ilha para cujo acesso é indispensável a palavra, o discurso, a linguagem simbólica:

Que é poesia?  
uma ilha  
cercada  
de palavras  
por todos  
os lados. (39)

"A poesia é uma ilha". E como a ilha, para ser ilha, necessita de terra, e água por todos os lados, pois é, por

definição, uma porção de terra cercada de água por todos os lados, a poesia atualizada necessita da palavra, sua forma de expressão. Para o autor, a poesia só o é, integralmente, corporificada no discurso, na palavra, vale dizer, no poema. Com efeito, tanto Bandeira como Cassiano Ricardo nos poemas supramencionados, identificam poesia com poema, ou melhor, não fazem distinção entre poesia e poema, pois há uma relação necessária de interdependência entre o poema e a poesia, assim como entre corpo e alma, forma e conteúdo, água e ilha, visto não existir uma ilha real sem água, embora possa existir uma infinidade de ilhas possíveis. Assim também não haverá poesia real, atual sem a palavra. A poesia: a palavra, o discurso: a ilha: água. Em outros termos, assim como não podemos chegar à ilha sem passar pela água, da mesma maneira não podemos ter acesso à poesia, ao belo poético, sem a mediação da palavra, da linguagem, essa misteriosa presença de uma ausência, no dizer de J. Lacan. O poema é a presentificação da poesia, através da palavra.

Para o genial Bandeira, a poesia é, ainda, a alma da natureza, vida das coisas, alma que tanto pode descer do céu, como subir do mar. Possuída dessa alma misteriosa, o silêncio canta no meio da noite, o raio escreve lindos poemas na face do céu, que o trovão declama no meio da tempestade:

A paisagem ficou espiritualizada.  
Tinha adquirido uma alma. E uma  
[nova poesia  
Desceu do céu, subiu do mar,  
[cantou na estrada. (11)

Antes de concluir o item referente ao conceito de Poesia na própria poesia, a metapoesia, não poderíamos omitir o poema de Carlos Drummond de Andrade *Procura da Poesia*. Nesse poema temos toda uma "poética da poesia". Nele o Poeta aborda o papel do poeta, da poesia e do poema. Já ficou bem clara a nossa posição em relação à questão da poesia e do poema. Destarte, não vamos mais repetir o que já foi dito, não entraremos também em análises profundas deste poema, porque nos parece claro até onde pode ser claro o discurso metalinguístico da poesia. Parece claro o pensamento do poeta nesse poema a respeito do papel da **Palavra** na poesia realizada. Depois de mostrar o que não é poesia, Drummond aponta o caminho para encontrar a

Poesia: "Penetra surdamente no reino das palavras..." E mais adiante; "Chega mais perto e contempla as palavras..." A palavra não é poesia; ele não o afirma. Mas a poesia está na palavra, na "palavra essencial". É só através da Palavra que a poesia se realiza.

Do mesmo teor é a metalinguagem de Cassiano Ricardo, respondendo sua própria pergunta: "Que é a poesia" uma ilha/cercada/de palavras/por todos/os lados". Note que Cassiano Ricardo não diz que a palavra é poesia nem que a poesia é a palavra e sim que a poesia está cercada de palavras por todos os lados. O mesmo conceito de poesia encontramos em João Cabral de Melo Neto, — *Antiode* — "Flor é a palavra/flor, verso inscrito/no verso, como as manhãs no tempo". (27)

Vale a pena transcrever todo o poema de Carlos Drummond de Andrade, embora seja muito conhecido dos cultores da poesia brasileira, pela importância que representa na "poética" da poesia brasileira:

Não faças versos sobre aconteci-  
[mentos.]

Não há criação nem morte perante  
[a poesia.]

Diante dela, a vida é um sol  
[estático,

não aquece nem ilumina.

As afinidades, os aniversários, os  
[incidentes pessoais não contam.

Não faças poesia com o corpo,  
esse excelente, completo e confortá-  
[tável corpo tão infenso à efusão

[lirica.]

Tua gota de bile, tua careta de  
[gozo ou de dor no escuro

São indiferentes.

Nem me reveles teus sentimen-  
[tos,

que prevalecem do equívoco e  
[tentam a longa viagem.

O que pensas e sentes, isso ainda  
[não é poesia.]

Não cantes a tua cidade, deixe-a  
[em paz.]

O canto não é o movimento das  
[máquinas nem do segredo das

[casas.]

Não é música ouvida de passagem;  
[rumor do mar nas ruas junto

[à linha de espumas.]

O canto não é a natureza

nem os homens em sociedade.

Para ele, chuva e noite, fadiga e  
[esperança nada significam.

A poesia (não tires poesia das  
[coisas)  
elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,  
não indagues. Não percas tempo  
[em mentir.

Não te aborreças.  
Teu iate de marfim, teu sapato  
[de diamante,  
vossas mazurcas e abusões, vossos  
[esqueletos de família desapare-  
[cem na curva do tempo, é  
[algo imprestável.

Não recomponhas  
tua sepultada a merencória infân-  
[cia.

Não osciles entre o espelho e a  
[memória em dissipação.  
Que dissipou, não era poesia.  
Que se partiu, cristal não era.

Penetra surdamente no reino das  
[palavras.  
Lá estão os poemas que esperam  
[ser escritos.  
Estão paralizados, mas não há  
[desespero,  
há calma e frescura na superfície  
[intata.

Ei-los sós e mudos, em estado de  
[dicionário.  
Convive com teus poemas, antes  
[de escrevê-los.  
Tem paciência, se obscuros. Cal-  
[ma, se te provocam.

Espere que cada se realize e  
[consume  
com seu poder de palavra  
e seu poder de silêncio.  
Não forces o poema e desprendá-  
[se do limbo.  
Não colhas no chão o poema que  
[se perdeu.  
Não adules o poema. Aceita-o.  
Como ele aceitará sua forma defi-  
[nitiva e concentrada no espaço.

Chega mais perto e contempla  
[as palavras.

Cada uma  
tem mil faces secretas sob a  
[face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela  
[resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

Repara:  
ermas de melodia e conceito  
elas se refugiaram na noite, as  
[palavras.  
Ainda úmidas e impregnadas de  
[sono,  
rolam num rio difícil e se trans-  
[formam em desprezo.<sup>(2)</sup>

### 3 – ESTADOS DA POESIA

A poesia pode ser concebida sob  
dois aspectos ou estados: o estado natu-  
ral e o estado poemático ou de discurs-  
so. Quando Oswald de Andrade disse:

Há poesia  
Na dor  
Na flor  
No beija-flor  
No Elevador<sup>(3)</sup>

quis significar justamente isto: que exis-  
te uma poesia em estado natural nas coi-  
sas, no homem, no universo tangível  
exterior ao homem, no universo interior  
do homem e no universo intangível,  
metafísico. Do mesmo teor é a meta-  
linguagem de outros poemas e de outros  
poetas, que seria exaustivo citar.

#### 3.1 – Estado natural

Que queremos significar com a ex-  
pressão – estado natural da poesia?  
Em primeiro lugar, estado natural não  
quer significar poesia da natureza.  
Queremos, sim, nos referir a uma ma-  
neira de ser da poesia acessível ao poe-  
ta que, na sua clarividência poética,  
artística, não apenas se apercebe dessa  
poesia mas é possuído por ela.<sup>(32)</sup>

A poesia em estado natural é a poesia  
que permeia, não apenas a natureza mas  
o próprio poeta, inunda sua vida, como  
diz Drumond.<sup>(1)</sup> A poesia deste  
momento, a poesia definição de tu-  
do<sup>(40)</sup> no dizer de Cassiano Ricardo,  
a poesia, alma das coisas, no dizer de  
Bandeira<sup>(11)</sup>; a poesia que ainda não  
passou pela “fábrica” do poeta, no dizer  
de Emílio de Moura<sup>(33)</sup>, a poesia  
possibilidade, cuja visita realiza o poe-  
ma, graças a habilidade artesanal do  
poeta. Essa poesia que pré-existe ao poe-  
ma e ao discurso; essa poesia, ilha sem  
água<sup>(2)</sup>, alma sem corpo.

A poesia em estado natural não co-  
nhece barreiras. É inexplicável como,  
sendo a poesia a expressão do Belo, se  
faça poesia sobre a guerra, o ódio, a  
morte, a fome, a traição, assim como  
sobre o amor, a verdade, o heroísmo, o  
céu e/ou o inferno.

#### 3.2 – Estado poemático da poesia

A poesia, contudo, não permanece  
indefinidamente nesse estado amorfo,  
acessível apenas a um círculo restrito  
de iniciados, capazes de penetrar no  
reino informe, apenas real por dentro,  
da poesia em estado natural. Chega  
o momento, em que o poeta, arquiteto  
do discurso poético metafórico, confere  
forma, corporifica essa poesia *in natura*,  
trazendo-a, para os limites espaciais do  
poema. E assim, a poesia que só era  
real por dentro, passa a ser real por  
dentro e por fora; a poesia que só era  
acessível aos iniciados, passa a ser aces-  
sível também aos profanos. É a poesia  
que se incorpora à substância lingüís-  
tica, à substância verbal, a poesia ves-  
tida de palavras, é a “ilha” atualizada,  
à qual podemos chegar, através da pa-  
lavra.

Às vezes, o poeta sente-se incapaz,  
por mais genial que o seja, de “fabri-  
car”, de construir um “corpo” apro-  
priado, uma “vestimenta” condizente  
com a poesia *in natura* e se satisfaz  
em simplesmente exprimir a sua incapa-  
cidade embora temporária; em dizer  
que apesar de não poder realizar a poe-  
sia-poema, a poesia *in natura* inunda seu  
ser e o poeta se limita a descrever,  
a referenciar essa poesia.

É o que aconteceu com Drumond  
em seu poema já citado neste trabalho:  
“Gastei uma hora pensando um verso/  
que a pena não quer escrever/ No entan-  
to, ele está cá dentro/ inquieto vivo./  
Ele está cá dentro e não quer sair./ Mas  
a poesia deste momento/ inunda minha  
vida inteira.”<sup>(1)</sup>

Geralmente se confunde poesia com  
poema, essência com existência, forma  
de conteúdo com forma de expressão.  
E assim ouvimos dizer que fulano de-  
clama poesia muito bem, que pouca  
gente lê poesia, que beltrano escreve  
poesias curtas e cicrano, poesias longas  
e assim por diante.

Para realizar essa poesia é necessário  
que o poeta seja um artesão exímio do  
verso, do discurso verbal. Não basta  
sentir a poesia *in natura*, não basta ex-  
perimentar um estado poético de gran-  
de intensidade; não basta “ser inunda-  
do” pela poesia, não basta ser “arrebata-  
do” pela poesia; é necessário atuali-  
zá-la, torná-la real por dentro e por  
fora, torná-la mensagem comunicativa,  
participante, vesti-la de discurso verbal.  
É por isto que na metalinguagem  
encontrada na poesia, descrevendo o fe-  
nômeno poético, existe uma constante  
em quase todos os poetas consultados: a

ênfase à palavra, como expressão da poesia. Basta citar dois poemas: **A poesia e o poeta**, de Cassiano Ricardo e **Procura da Poesia**,<sup>(2)</sup> de Carlos Drummond de Andrade.

No primeiro temos, como já vimos anteriormente, a palavra como o “corpo” da poesia, como elemento indispensável à poesia, assim como a água é indispensável à existência da ilha. No segundo poema, o autor identifica, por assim dizer, a poesia com a Palavra com seu “poder de discurso e de silêncio”, a palavra de “mil faces ocultas” em seu poder conotativo de sugerir silenciosamente o indivisível. De gerar na alma do leitor uma dor, uma felicidade, uma alegria que nem sequer existiu no poeta quando ele escreveu o poema. É o que encontramos em **Autopsicografia**, de Fernando Pessoa... “E o que lê o que se escreve/ na dor lida sente bem/ não as duas que ele teve/ mas só a que ele não tem”<sup>(36)</sup>.

O poeta é iluminado momentaneamente pela inspiração, transportando ao mundo da imaginação e da emoção, mas esse estado de êxtase estético passa. É necessário que o poeta lhe dê corpo, transforme a poesia de estado natural para o estado poemático, para que ela não se perca. Drummond, em **Procura da Poesia**, diz: “não colhas no chão o poema que se perdeu”. Esse poema que se perdeu foi aquele que não foi escrito “no momento da poesia”. É o mesmo Drummond quem se refere à “poesia deste momento” que a sua pena não quis escrever. **Verba volant scripta manent**. Para que a poesia deste momento de inspiração permaneça para o poeta e para os leitores, é necessário que o poeta atualize-a em poema.

É essa poesia que se confunde com o poema, embora o poema não seja a poesia e a poesia não seja o poema. Quando Drummond, no poema supracitado<sup>(2)</sup>, diz que o nosso pensamento e sentimento não é poesia, que a música, o rumor do mar nas ruas, não é poesia; que não devemos tirar a poesia das coisas, enfim, que tudo que se dissipou, tudo que desapareceu na curva do tempo, não é poesia, queria significar que a “procura da poesia” é a busca da expressão verbal adequada, o discurso apropriado à atualização, à realização da poesia em estado natural. É assim que, depois de enumerar uma série de coisas que não são poesia, ele parece encontrar a chave do problema e resume sua “poética da poesia”, com estas palavras: “Penetra surdamente no reino das palavras./ Lá estão os poemas que

esperam ser escritos./ Estão paralizados, mas não há desespero/ há calma e frescura na superfície intata./ Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário”<sup>(2)</sup>.

E prossegue o genial itabirano em sua metalinguagem, abordando a poesia em seu estado de poema, cuja matéria prima é a palavra e cuja forma de expressão é o discurso verbal com seu poder denotativo da palavra e com seu poder conotativo de silêncio, que sugere tudo sem dizer nada:

Espera que cada um se realize  
[e consuma  
com seu poder de palavra  
e seu poder de silêncio]<sup>(2)</sup>.

A poesia deve passar do estado natural para o estado poemático, espontaneamente, ou a poesia realiza-se espontaneamente ou não se realiza. Não há pressa; não podemos forçá-la a desprender-se do “limbo”. A metamorfose da poesia **in natura** para a poesia do poema deve ser espontânea, sem precipitações (**natura non facit saltus**). Assim como estragaremos as pétalas de uma rosa, forçando-a a desprender-se do seu botão prematuramente, estragaremos a poesia no que ela tem mais autêntico, se a forçarmos a desprender-se de seu estado natural para o estado poemático. E, se apesar de toda paciência e cuidado, as pétalas da poesia caírem no chão, não vale a pena apanhá-las.

#### 4 – FONTES DA POESIA

Ja focalizamos o conceito de poesia e constatamos, na metalinguagem da poesia, falando de si própria, dois estados: ou modos de ser distintos da poesia: o estado natural ou da poesia **in natura** ou “protopoesia” e o estado poemático ou da poesia atualizada ou realizada no poema. Agora focalizaremos a origem da poesia, a fonte poética ou etiologia poética. Coerente com o enfoque que norteia esta exposição, abordaremos as três fontes nas quais o poeta abastece o “celeiro” estético da poesia. Os mundos nos quais o poeta mergulha para daí tirar a matéria prima da poesia.

Emílio de Moura, na **Fábrica do Poeta**, citada anteriormente, diz, numa metalinguagem clara e objetiva, que tira a matéria prima da poesia, de si próprio e do mundo “fabrico com o que tiro/ de mim mesmo e do mundo/ o meu dia... Fabrico uma hora densa... Ah! quem diria que essa hora

densa/ já é poesia.”<sup>(34)</sup> E Vinicius de Moraes: “Com as lágrimas do tempo/ e a cal do meu dia/ eu fiz o cimento/ da minha poesia.”<sup>(31)</sup>

O poeta fabrica a poesia com o que tira de si mesmo e do universo. Ora, como já ficou demonstrado anteriormente, quando tratamos do poeta, o homem vive no “macrocosmo”, o universo físico, tangível; mas o próprio homem é, interiormente, outro mundo complexo e misterioso. Está no macrocosmo e nele está o “microcosmo”. Por outro lado, o ser humano e, sobretudo, o Poeta, tem fome e sede do desconhecido, desse algo mais que fica para além do explicável, do palpável. É a inquietude metafísica de que falou Agostinho: **Fecisti nos ad te et cor nostrum inquietum est donec requiescat in te**.

O poeta perde-se nas brumas desse mundo infinito, na ânsia de saciar sua sede de algo que não seja transitório, como o Mundo e o Eu, que não seja relativo e efêmero, como a felicidade e a vida. É esse universo infinito, que o bispo de Hipona identifica com Deus, que o Poeta tira a essência da Poesia. É esse Tudo-Nada, essa aura de mistério, de coerência-paradoxal que constitui a alma da poesia.

##### 4.1 – O “macrocosmo”

A poesia moderna é, por natureza e definição, participante, engajada na problemática do mundo em que vivemos e nos movemos e, por isto mesmo, a fonte onde o poeta vai buscar mais diretamente a matéria prima da poesia, matéria prima essa que se confunde com a própria poesia, pois que, com efeito, já é poesia em estado natural, como vimos anteriormente.

Quando dizemos que o universo físico, social, político, etc., é a fonte mais próxima onde o poeta vai buscar sua poesia e quando, como o faremos a seguir, abordamos, não só o mundo físico, mas também o mundo psíquico do poeta e o mundo metafísico como fontes de poesia, não queremos significar com isto que, em sua cosmovisão, o poeta dissocia esse “tricosmo”. Sabemos que a poesia está, não na interseção desses três universos, mas na aproximação dessa trilogia cósmica, de onde o poeta, mágico da expressão verbal, traz para as dimensões do poema, uma fração infinitesimal do “macro”, do “micro” e do “tancosmo”, ou “metacosmo” que se reflete no “espelho” do discurso metafórico, do poema.

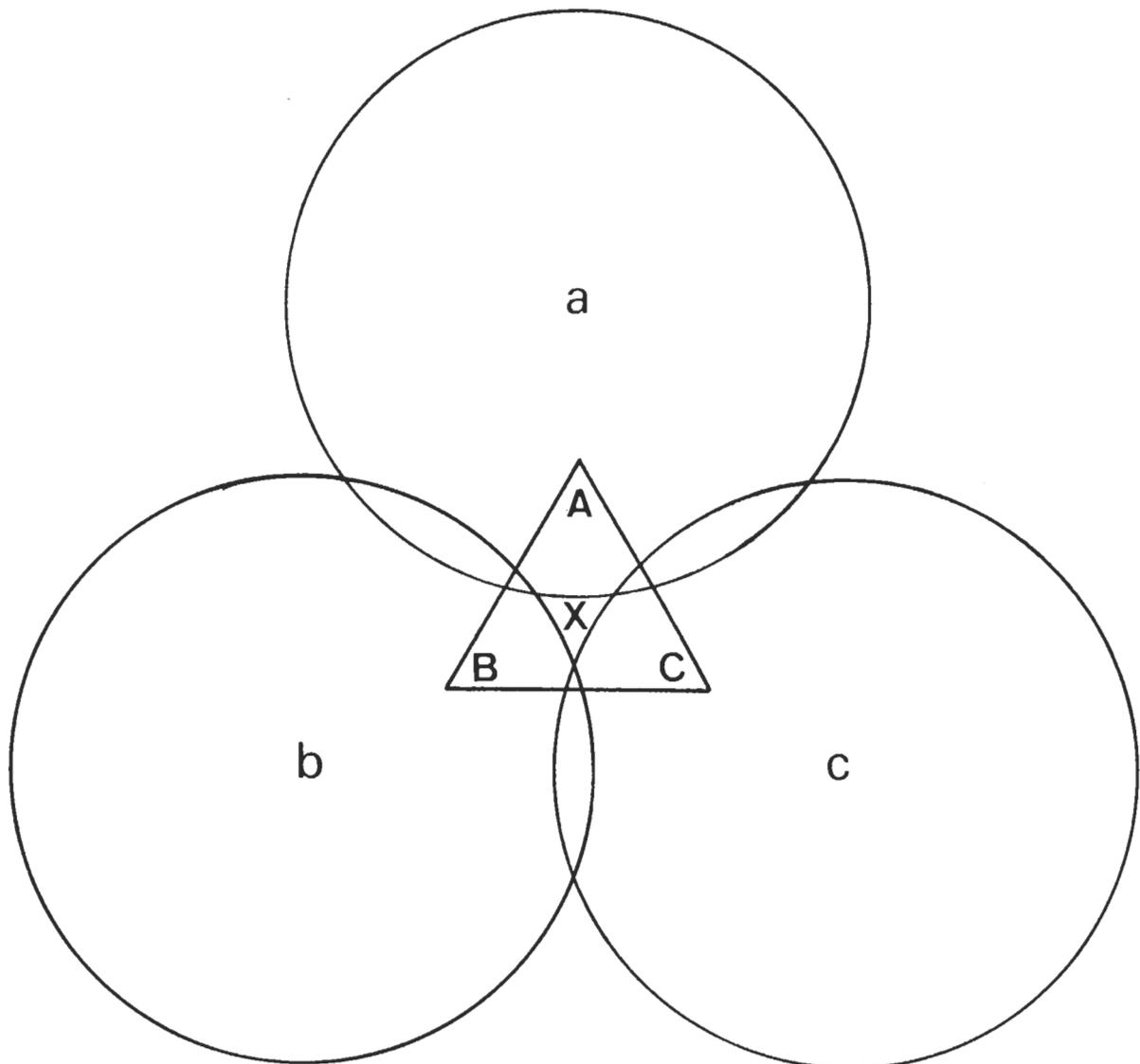


FIGURA 1 – A POESIA REALIZADA ATRAVÉS DO POEMA\*

\* Nesta figura temos um modelo da realidade poética, isto é, o subconjunto  $x$ , no centro do subconjunto  $A, B, C$ , (o poema). Este subconjunto ( $x$ ) é formado, não pela interseção, mas pela aproximação dos subconjuntos  $a, b, c$  que, por sua vez, representam o universo trino, fontes de inspiração poética. No enfoque deste artigo, concebe-se a poesia, não como a recriação desse universo tricotomicamente considerado, mas como o reflexo desse mesmo universo através do poema, espelho onde o poeta faz refletir-se uma partícula infinitesimal de toda a poesia do cosmo, de toda a Beleza contida no universo, "a verdadeira poesia – a invisível (que) toca de leve a fímbria/ dos meus versos, mas permanece/ intacta no seu mundo"<sup>(38)</sup> "... a poesia deste momento/ (que) inunda minha vida inteira"<sup>(1)</sup>. Remetemos o leitor às figuras 1 e 2 da 1a. parte deste trabalho, publicada no n. 10 de Semina. Aquelas figuras viabilizarão um melhor entendimento deste modelo. Ali, onde se lê (figura 1,  $\alpha$ ): conjunto interseção, leia-se: conjunto interseção poeta/poema.

A poesia moderna está integrada na problemática sócio-cultural do meio. Se Platão vivesse hoje, certamente teria incluído os poetas em sua utópica república. É, portanto, desse "macrocosmo" em todas as suas facetas, que o poeta tira a "cal", o "cimento", o "tijolo" com que constrói o edifício de sua poesia:

Com as lágrimas do tempo  
E a cal do meu dia  
Eu tiro o cimento  
De minha poesia.

E na perspectiva  
Da vida futura  
Ergui em carne viva  
A sua arquitetura.

Não sei bem se é casa  
Se é torre ou se é templo  
(Um templo sem Deus)  
Mas é grande e clara  
Pertence a seu tempo  
— Entrai, irmãos meus!(31)

Não se sabe que edifício é este (a poesia é indefinível). Não se sabe se é uma torre de marfim ou torre de Babel, se um templo de Jeová ou uma mesquita de Maomé. Uma coisa é certa: pertence aos homens e está aberto a todos. É um monumento erguido à posteridade que imortaliza seu arquiteto, construído "na perspectiva da vida futura".

A fonte "macrocósmica" onde o poeta busca a poesia é muito rica e complexa. É a dor, a miséria humana, a injustiça social, a guerra, etc. As relações líricas do poeta com o universo são múltiplas. Essas relações obrigam-no a usar não só as palavras "céu azul", "asa", "horizonte", "Canário que sai do dicionário"(41), porque a poesia espiritualiza a natureza ("a paisagem ficou espiritualizada"). "Tinha adquirido uma alma, e uma nova poesia desceu do céu, subiu do mar, cantou na estrada..."(11). Esse "macrocosmo" inclui também, como dissemos, as misérias, a dor do dia-a-dia. Por isso Manuel Bandeira em sua *Poética* prefere a poesia deste mundo desgraçado; àquela do "orvalho" da manhã e dos olhos azuis da mulher amada; prefere uma poesia colhida nos becos e nas sargetas, o lirismo da dor, do desespero.

Quero antes o lirismo dos loucos  
O lirismo dos bêbados  
O lirismo difícil e pungente dos  
[bêbados

O lirismo dos clowns de Shakes-  
[peare.(9)

A poesia haurida nessa fonte traz a marca registrada da vida em sua dura e crua realidade, em sua terrível sordidez; é a mancha de lama no paleto de brim branco do poeta:

Vou lançar a teoria do poeta  
[sórdido.

Poeta sórdido:  
Aquele em cuja poesia há a marca  
[suja da vida.(10)

O universo físico como fonte mais próxima da poesia é descrito, na meta-linguagem da nossa poesia, de maneiras as mais diversas. Não podemos citar todos os textos que comprovam este fato, mas apenas os mais importantes.

Ronald de Carvalho, no seu poema *Toda a América*, vê a essência dessa poesia selvagem até no barro que suja a mãos do poeta. A poesia está no limbo e na seiva robusta, na fertilidade de seu solo, e do seu interior, o poeta americano arrancará sua energia submissa à inteligência criadora do poeta, artista e artesão:

.....  
Teus poetas não são dessa raça de  
[servos que dançam no compasso  
[de gregos e latinos,  
teus poetas devem ter as mãos  
[sujas da terra, da seiva e limbo,  
as mãos da criação!  
E inocência para adivinhar os teus  
[prodígios,  
e agilidade para correr por todo o  
[teu corpo de ferro, de carvão,  
[de cobre, de ouro, de trigais,  
milharais e cafezais!  
Teu poeta será ágil e inocente,  
[América!  
A alegria será a sua sabedoria,  
e sua poesia será o vagido da tua  
[própria substância,  
América, da tua própria substân-  
[cia lírica e numerosa.  
Do teu túmulo ele arrancará  
[uma energia submissa,  
e no seu molde múltiplo todas  
[as formas caberão,  
e tudo será poesia na força da sua  
[inocência.(15)

Para Ronald de Carvalho, a América é toda poesia; a sua argila, suas rochas, os rios, os cavalos-de-força das cataratas do Iguazu, o "inferno verde" da Amazônia, as cordilheiras do Andes. Mas é necessário que o poeta, esse má-

gico garimpeiro, penetre no coração da natureza e de lá tire a poesia *in natura* e lhe dê forma expressiva, que a torne objeto de comunicação.

Cassiano Ricardo em seu poema *Entre parênteses*, vai buscar a poesia no mundo "em sua nudez qual Deus o fez", um mundo que é poesia ou melhor fonte de poesia que é "definição de tudo a olho nu". Poesia que vem diretamente do "macrocosmo".

Palavras pequenas memórias  
de quando eram coisas virgens;  
de quando as coisas é que eram  
[palavras.  
Coisas ainda na unanimidade  
do mundo ainda verde, ainda  
não objeto  
de discurso.

Ainda concreto  
com sua árvore  
e seu peixe  
o seu urso.(40)

É necessário que a natureza seja sondada, penetrada em todas as suas dimensões dos mares e dos céus, pois é da natureza que o poeta extrai a matéria prima da poesia:

É preciso que a própria natureza  
seja nossa com sortes de açucenas;  
e ela aqui está, seus pulsos late-  
[jando,  
como em tudo, provando poesia.  
.....  
... pensamento de lídima poesia  
envolvendo o profundo da alegria,  
pelo fundo dos mares e dos céus.  
.....  
..... placidez que sondagem do  
[universo  
e como esse metro, não inexistente  
dedilhando-o canção desconhe-  
[cida.(26)

#### 4.2 – O "microcosmo"

O universo objetivamente considerado é terrivelmente prosaico; só depois de interiorizado pelo poeta, esse terrível mundo adquire foros de cidade, na poesia. "O macrocosmo" fornece a matéria prima, amorfa da poesia que será trabalhada no psiquismo do poeta. Mas não é so nesse sentido que o pequeno universo do psiquismo do poeta é fonte de poesia. O mundo interior do poeta, suas emoções, sua imaginação, a idéia de beleza, de pureza e da bondade. E a emoção, a imaginação, a idéia de pureza e bondade, de beleza quase absoluta é poesia. Poesia *in natura*

mas poesia. Quando Salomão disse que devemos guardar sobretudo o coração porque dele procedem as fontes da vida, referia-se, não ao coração propriamente dito, mas ao universo interior do homem, ao seu psiquismo<sup>(13)</sup>

Emílio de Moura<sup>(34)</sup> diz que “as vezes, a poesia te visita/ pura/ infinitamente pura/ como uma rosa./ Melhor ainda/ como a idéia da rosa”. É a poesia do seu “microcosmo”, do seu universo interior. E no dizer de Fernando Pessoa, o leitor, ao ler um poema, encontra nele, ou pode encontrar mais poesia do que ele contém. Em outras palavras, existe uma poesia no psiquismo dos leitores:

E o que lê  
o que se escreve,  
na dor da vida  
sente bem,  
Não as duas  
Que ele teve.  
Mas só a que ele não tem.<sup>(36)</sup>

Na poesia atualizada do poema está amalgamada as duas “dores” do poeta, a dor sentida, causada por circunstâncias objetivas do mundo exterior e a dor “fingida”, pois o poeta é um “fingidor” que “finge tão completamente” que chega a fingir que é dor/ a dor que de veras sente”. É assim que, muitas vezes, nos emocionamos mais intensamente ao ler um poema do que o poeta ao escrevê-lo. Porque existe dentro de nós uma fonte inesgotável de poesia que só o poeta consegue trazer para as dimensões espaciais do poema.

Para encontrar a poesia é necessário que o poeta mergulhe no seu próprio “eu”, porque é lá que, em última análise está a poesia; é no mundo das emoções que se forma o universo mítico da poesia. Da poesia que para Emílio de Moura é “beleza” e “eternidade”.

Quando a luz desaparecer de todo  
Mergulharei em mim mesmo e te  
[procurarei lá dentro.  
A beleza é eterna.  
A poesia é eterna.  
A liberdade é eterna.  
Elas subsistem apesar de tudo.<sup>(35)</sup>

A poesia pertence ao poeta. Mas qual é essa poesia que pertence ao poeta? É a poesia que está no poeta, assim como a luz está na cor; é a poesia

desvinculada de qualquer substância física, gratifica ou fônico-acústica seja, ela a natureza, ou próprio poema:

Eu queria que me pertencesse  
Como a cor à luz  
Como a poesia ao poeta.  
Desligada de tudo.<sup>(32)</sup>

Esse pequeno universo do poeta é, muitas vezes, descrito como “coração”, fonte da vida, do amor, da bondade, etc. Tal era a importância atribuída ao “coração” na literatura bíblica quem só nos livros dos Salmos, Eclesiastes e Provérbios aparece a palavra coração, com essa conotação, 239 vezes<sup>(18)</sup>

E o autor dos Provérbios diz textualmente que o coração é a fonte da vida e que a sabedoria repousa no coração do homem prudente<sup>(1)</sup>. É de fato, do íntimo do poeta, de seu “coração” para usar essa metáfora, que pinga como gotas de sangue na página escrita do poema, a poesia que é a vida do poeta:

Eu faço versos como quem chora  
De desalento, de desencanto...  
Fecha o meu livro, se por agora  
Não tens motivo nenhum de pranto

Meu verso é sangue. Volúpia  
[ardente...  
Tristeza esparsa, remoroso vão...  
Dói-me nas veias. Amargo e  
[quente,  
Cai, gota a gota, do coração.  
E nestes versos de angústia rouca,  
Assim dos lábios a vida corre,  
Deixando um acre sabor na boca  
— Eu faço versos como quem  
[morre.<sup>(8)</sup>

#### 4.3 – “Metacosmo”

Infinitos espíritos dispersos  
Inefáveis, edêmicos, etéreos,  
Fecundai o Mistério destes versos  
Com a chama ideal de todos os  
[mistérios.<sup>(19)</sup>

Com estes versos, Cruz e Souza, “o poeta do infinito”, invoca musas estranhas e diferentes: os “infinitos espíritos”, a chama de todos os mistérios. É nas profundezas insondáveis do “metacosmo” que ele vai buscar inspiração para sua poesia; a sua matéria

prima vem do infinito. O seu “microcosmo” é fecundado misticamente, pelos “espíritos inefáveis”, com o sêmen do “mistério de todos os mistérios”.

Poderíamos multiplicar indefinidamente as citações que corroboram nossa tese, nesse item, mas por economia de espaço e falta de tempo, e como já abordamos, indiretamente, no 1o. artigo referente ao Poeta, esse aspecto da “poética da poesia”, analisaremos, aqui, apenas alguns poemas de Cruz e Souza que nos parecem mais ricos e fecundos de elementos probantes.

Em *O Cavador do Infinito*, por exemplo, o poeta, como que procura desprender-se do “macrocosmo” e do próprio “microcosmo” a que está preso por dentro e por fora, fascinado, atraído e iluminado por essa fonte inefável do transcendente, fonte inesgotável de Beleza e de mistérios, em busca de uma nova dimensão imensurável da poesia que está além do tempo e do espaço:

Com a lâmpada do Sonho desce  
[afliito  
E sobe aos mundos mais impon-  
[deráveis,  
Vai abafando as queixas impla-  
[cáveis,  
Da alma o profundo e soluçado  
[grito.  
Ânsias, desejos, tudo a fogo  
[escrito  
Sente, em redor, nos astros ine-  
[fáveis,  
Gava nas fundas, eras insodáveis  
O cavador do trágio infinito.  
E quanto mais pelo Infinito cava  
Mias o Infinito se transforma em  
[lava  
E o cavador se perde nas distân-  
[cias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho  
E com seu vulto pálido e tris-  
[tonho  
Cava os abismos das eternas  
[ânsias.<sup>(20)</sup>

E no soneto *Êxtase Búdico*, o poeta parece penetrar no Infinito como se este lhe abrisse os braços para recebê-lo e entregar-lhe as chaves da verdadeira, da autêntica poesia.

Abre-me os braços, Solidão pro-

(1) In corde prudentis requiescit sapientia, et indoctos quosque erudiet. Prov. Lib. XIV, 33<sup>(13)</sup>

[funda,  
Reverência do céu, solenidade  
Dos astros, tenebrosa majestade,  
Ó planetária comunhão fecunda

Óleo da noite sacrossanto, inunda  
Todo o meu ser, dá-me essa cas-  
[tidade,  
As azuis florescências da saudade,  
Graça das Graças imortais oriun-  
[da!

As estrelas cativas no teu seio  
Dão-me um tocante e fugitivo  
[enleio,  
Embalaram-me na luz consola-  
[dora!

Abre-me os braços, Solidão ra-  
[diante,  
Funda, fenomenal e soluçante,  
Larga e búdica Noite reden-  
[tora!(21)

Mas é, talvez, no último terceto do Soneto **Para Sempre** que o poeta penetra no reino indevassável e transcendente desse universo transcendente, ou em outras palavras, em que se pantenteia, de maneira inequívoca, a idéia do Infinito como fonte de poesia, onde o poeta dessedenta a sua sede e mata a sua fome do Belo, no claro bendito desse universo misterioso:

...E perdidas, perdidas no Infinito  
As nossas almas, no clarão bendito  
Há de enfim saciar toda esta  
[sede...(22)

É aí que o poeta encontra, não só a fonte de sua poesia, que é sua própria vida metamorfoseada em poema, mas a paz suprema, a satisfação completa de sua sede; sede do Belo, sede daquela fonte de que nos falou Agostinho que inquieta o coração humano (**Fecisti nos ad te et cor nostrum inquietum est, donec requiescat in te**). É o que constatamos no soneto **Longe de Tudo**:

E livres, livres desta vã matéria,  
Longe, nos claros astros peregrin-  
[nos  
Que havemos de encontrar os dons  
[divinos  
E a grande paz, a grande paz  
[sidérea.(23)

É nessa fonte que o poeta encontra aquela satisfação plena pela qual anseia,

liberto do próprio Eu, das limitações do mundo em que vive e do mundo que vive em si para penetrar num mundo inacessível, metafísico.

O poeta cuja fome e sede do Belo perene torturam-no e o tornam como mendigo, na busca incessante dessa fonte eterna, o infinito, sacia, enfim, a sua sede; encontra a fonte maior, a mais pura fonte da poeira:

.....  
Mendigos dos Infinitos,  
Das esferas inefáveis,  
Notambulando malditos  
Nos rumos imponderáveis.

Mendigos de fome e sede  
de água e pão de outros mundos,  
Embalados pela rede  
Dos Idealismos profundos.(24)

E por fim, saciada a sede do Belo, junto à suprema fonte da Beleza, o universo metafísico, o poeta, então, pode sorrir, deslumbrado, diante da insondável Beleza dessa Natureza que não é natural:

— Assim ao Poeta a Natureza  
[fala!  
Enquanto ele estremece ao escu-  
[tá-la,  
Transfigurado de emoção sorrin-  
[do...

Sorrindo, vive para a Natureza,  
A mundos que se vão multipli-  
[cando,  
A portas de ouro que se vão  
[abrindo!(25)

## 5 — CONCLUSÃO

Na primeira parte deste trabalho, publicado no número 10 desta Revista, discutiu-se o conceito e a problemática do ser poeta. Nesta (Parte II), analisamos a Poesia do ponto de vista da Crítica, mas sobretudo do ponto de vista da própria poesia, quando se utiliza de um discurso com função metalingüística, descrevendo o fenômeno de sua criação. Na pesquisa que deu origem a este artigo, analisamos essa metalinguagem na obra de 14 poetas, 13 brasileiros e português. E constatamos que os poetas, muitas vezes, utilizam-se no discurso poético, da função metalingüística da linguagem, através da qual

descrevem ou tentam conceituar, embora “poeticamente”, o Poeta, a Poesia e o Poema.

No 1o. artigo, tratamos do Poeta, os problemas da criação poética e a relação do poeta com o Universo do qual “tira” a poesia. Neste 2o. artigo discutimos o conceito de poesia na Crítica, na própria poesia, bem como as fontes de inspiração poética.

Reconhecemos que a amostragem da pesquisa foi pequena (as obras principais de 14 poetas, 13 brasileiros e 1 português). No entanto, apesar da pequena amostragem, chegamos as seguintes conclusões:

1) Há uma poesia **in natura**, existente, **in se e per se**, em todas as manifestações do Universo físico, psíquico e metafísico e uma “poesia do poema”, forma de expressão comunicante, a poesia “realizada”.

2) O poeta, na criação da poesia, ao tentar conferir substância verbal a essa poesia em estado natural, em essência, muitas vezes, não consegue encontrar forma de expressão adequada à comunicação de toda a poesia, “a verdadeira poesia — a invisível/, que toca de leve a fímbria/ dos meus versos/. Mas permanece intacta no seu mundo”.(38) A poesia forma-comunicante, dizível, é apenas uma partícula infinitesimal da “poesia indizível”, existente em si e por si no Cosmo.

3) A poesia provém de 3 fontes donde o poeta tira a sua matéria prima: o universo físico, psíquico e metafísico, donde emana a essência da poesia que o poeta capta com as “antenas” de sua inspiração um pouco da poesia que existe no universo que o cerca, no universo que está dentro dele e no universo transcendente, que fica para além do macro e do microcosmo; além do alcance das investigações e experimentos físicos ou psíquicos.

4) A criação poética consiste da inspiração, da poiesis e do trabalho artesanal do poeta, o arquiteto da poesia, na busca da “palavra essencial” para traduzir em discurso verbal a poesia **in natura**, em estado de sensações e emoções. Na busca de uma sintaxe ou **modus dicendi** apropriado à corporificação dessa poesia ainda amorfa, essência de conteúdo, sem forma de expressão; a poesia que inunda a alma do poeta, mas que sua pena não consegue escrever(2).

[funda,  
Reverência do céu, solenidade  
Dos astros, tenebrosa majestade,  
Ó planetária comunhão fecunda

Óleo da noite sacrossanto, inunda  
Todo o meu ser, dá-me essa cas-  
[tidade,  
As azuis florescências da saudade,  
Graça das Graças imortais oriun-  
[da!

As estrelas cativas no teu seio  
Dão-me um tocante e fugitivo  
[enleio,  
Embalaram-me na luz consola-  
[dora!

Abre-me os braços, Solidão ra-  
[diante,  
Funda, fenomenal e soluçante,  
Larga e búdica Noite reden-  
[tora! (21)

Mas é, talvez, no último terceto do Soneto **Para Sempre** que o poeta penetra no reino indevassável e transcendente desse universo transcendente, ou em outras palavras, em que se pantenteia, de maneira inequívoca, a idéia do Infinito como fonte de poesia, onde o poeta dessedenta a sua sede e mata a sua fome do Belo, no claro bendito desse universo misterioso:

...E perdidas, perdidas no Infinito  
As nossas almas, no clarão bendito  
Há de enfim saciar toda esta  
[sede... (22)

É aí que o poeta encontra, não só a fonte de sua poesia, que é sua própria vida metamorfoseada em poema, mas a paz suprema, a satisfação completa de sua sede; sede do Belo, sede daquela fonte de que nos falou Agostinho que inquieta o coração humano (**Fecisti nos ad te et cor nostrum inquietum est, donec requiescat in te**). É o que constatamos no soneto **Longe de Tudo**:

E livres, livres desta vã matéria,  
Longe, nos claros astros peregrin-  
[nos  
Que havemos de encontrar os dons  
[divinos  
E a grande paz, a grande paz  
[sidérea. (23)

É nessa fonte que o poeta encontra aquela satisfação plena pela qual anseia,

liberto do próprio Eu, das limitações do mundo em que vive e do mundo que vive em si para penetrar num mundo inacessível, metafísico.

O poeta cuja fome e sede do Belo perene torturam-no e o tornam como mendigo, na busca incessante dessa fonte eterna, o infinito, sacia, enfim, a sua sede; encontra a fonte maior, a mais pura fonte da poeia:

.....  
Mendigos dos Infinitos,  
Das esferas inefáveis,  
Notambulando malditos  
Nos rumos imponderáveis.

Mendigos de fome e sede  
de água e pão de outros mundos,  
Embalados pela rede  
Dos Idealismos profundos. (24)

E por fim, saciada a sede do Belo, junto à suprema fonte da Beleza, o universo metafísico, o poeta, então, pode sorrir, deslumbrado, diante da insondável Beleza dessa Natureza que não é natural:

— Assim ao Poeta a Natureza  
[fala!  
Enquanto ele estremece ao escu-  
[tá-la,  
Transfigurado de emoção sorrin-  
[do...

Sorrindo, vive para a Natureza,  
A mundos que se vão multipli-  
[cando,  
A portas de ouro que se vão  
[abrindo! (25)

## 5 – CONCLUSÃO

Na primeira parte deste trabalho, publicado no número 10 desta Revista, discutiu-se o conceito e a problemática do ser poeta. Nesta (Parte II), analisamos a Poesia do ponto de vista da Crítica, mas sobretudo do ponto de vista da própria poesia, quando se utiliza de um discurso com função metalingüística, descrevendo o fenômeno de sua criação. Na pesquisa que deu origem a este artigo, analisamos essa metalinguagem na obra de 14 poetas, 13 brasileiros e português. E constatamos que os poetas, muitas vezes, utilizam-se no discurso poético, da função metalingüística da linguagem, através da qual

descrevem ou tentam conceituar, embora “poeticamente”, o Poeta, a Poesia e o Poema.

No 1o. artigo, tratamos do Poeta, os problemas da criação poética e a relação do poeta com o Universo do qual “tira” a poesia. Neste 2o. artigo discutimos o conceito de poesia na Crítica, na própria poesia, bem como as fontes de inspiração poética.

Reconhecemos que a amostragem da pesquisa foi pequena (as obras principais de 14 poetas, 13 brasileiros e 1 português). No entanto, apesar da pequena amostragem, chegamos as seguintes conclusões:

1) Há uma poesia **in natura**, existente, **in se** e **per se**, em todas as manifestações do Universo físico, psíquico e metafísico e uma “poesia do poema”, forma de expressão comunicante, a poesia “realizada”.

2) O poeta, na criação da poesia, ao tentar conferir substância verbal a essa poesia em estado natural, em essência, muitas vezes, não consegue encontrar forma de expressão adequada à comunicação de toda a poesia, “a verdadeira poesia — a invisível/, que toca de leve a fímbria/ dos meus versos/. Mas permanece intacta no seu mundo”. (38) A poesia forma-comunicante, dizível, é apenas uma partícula infinitesimal da “poesia indizível”, existente em si e por si no Cosmo.

3) A poesia provém de 3 fontes donde o poeta tira a sua matéria prima: o universo físico, psíquico e metafísico, donde emana a essência da poesia que o poeta capta com as “antenas” de sua inspiração um pouco da poesia que existe no universo que o cerca, no universo que está dentro dele e no universo transcendente, que fica para além do macro e do microcosmo; além do alcance das investigações e experimentos físicos ou psíquicos.

4) A criação poética consiste da inspiração, da **poiesis** e do trabalho artesanal do poeta, o arquiteto da poesia, na busca da “palavra essencial” para traduzir em discurso verbal a poesia **in natura**, em estado de sensações e emoções. Na busca de uma sintaxe ou **modus dicendi** apropriado à corporificação dessa poesia ainda amorfa, essência de conteúdo, sem forma de expressão; a poesia que inunda a alma do poeta, mas que sua pena não consegue escrever (2).

## ABSTRACT

This is the second part of the doctoral dissertation – METAPOESIA. In Part I. (Semina 3:10) the concept of Poet and its relationship with the universe of poetical creation were discussed. In Part II new approaches are made: the concept of poetry in Critics and in Poetry; concepts of the natural and poetic states, and sources of poetry in the poetic discourse used with a metalinguistic function by which the poet can describe the entire poetic phenomenon. Sources of poetry are also discussed: the physical universe as well as the psychic and the metaphysical are compared for the conclusion that the Poetry is not the re-creation of universe but cosmic reflex trichotomously mirrored in the poem. The poetic creation consists in the capture of a small particle of the cosmic poetry in its potential, status giving it communicative form through the discourse.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p. 16.
2. Id. *ibid.* p. 76-7.
3. ANDRADE, Oswald de. *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro, Agir, 1967. p. 33 (Nossos Clássicos).
4. ARISTÓTELES. *Poética: comentário e apêndices de Souza*. Porto Alegre, Globo, 1966. 1447a.
5. Id. *ibid.* 1448a.
6. Id. *ibid.* 1450a - 1451b.
7. Id. *ibid.* 1451b, 10.
8. BANDEIRA FILHO, Manuel Carneiro de Souza. *Estrelas da vida inteira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970. p. 132.
9. Id. *ibid.* p. 71.
10. Id. *ibid.* p. 154.
11. Id. *ibid.* p. 21.
12. BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo, Cultrix, EDUSP, 1971. p. 12.
13. *Bibliorum Sacrorum. Juxta vulgatam clementinam nova editio, Curavit Aboisins Gramatica. Debebec, Editiones Reclée, de Browver. IV, 23.*
14. Id. *ibid.* XIV, 33.
15. CARVALHO, Ronald. *Toda a América*. São Paulo, Hispano-Brasileira, 1935. p. 52-3.
16. CIDADE, Hernâni. *O conceito da poesia como expressão da cultura*. 2.ed. Coimbra, Armênio Amado Editor, 1957. p. 11.
17. Id. *ibid.* p. 12.
18. CHAVE bíblica. 2.ed. Rio de Janeiro, Confederação Evangélica do Brasil, 1955. p. 18.
19. CRUZ e SOUZA, João da. *Poesia*. Rio de Janeiro, Agir, 1960. p. 17 (Nossos Clássicos)
20. Id. *ibid.* p. 85.
21. Id. *ibid.* p. 89-90.
22. Id. *ibid.* p. 93.
23. Id. *ibid.* p. 93.
24. Id. *ibid.* p. 109.
25. Id. *ibid.* p. 74.
26. LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro, Agir, 1967. (Nossos Clássicos).
27. MELO NETO, João Cabral de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1967. p. 253-58.
28. MOISÉS, Massaud de. *A criação literária*. São Paulo, Melhoramentos, 1968. p. 32.
29. Id. *ibid.* p. 33.
30. Id. *ibid.* p. 31.
31. MORAIS, Marcus Vinícius de Melo. *Obra poética*. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1968, p. 132.
32. MOURA, Emílio. *Antologia poética*. Rio de Janeiro, INL, 1971. p. 21.
33. Id. *ibid.* p. 51.
34. Id. *ibid.* p. 51.
35. Id. *ibid.* p. 36.
36. PESSOA, Ferandon. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
37. PFEIFFER, Johannes. *Introdução à poesia*. Lisboa, Europa-América, 1964. p. 32.
38. RAPOLL, Lila. *Antologia poética*. Rio de Janeiro, INL, s.d.
39. RICARDO, Cassiano. *Poesias completas*. Rio de Janeiro, José Olympio, s.d. p. 208.
40. Id. *ibid.* p. 38.
41. Id. *ibid.* p. 67.
42. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 1969.